

## **CARTA AO ANALISTA DO ANO 2100**

*Emilio Rodrigué*

Querido Oscar,

Fantástico! Felicitações: Vocês conseguiram, venceram o rio do tempo. Vocês são os ciberargonautas, alquimistas temporais que entraram no túnel do tempo. Já em minha época especulava-se que era possível comunicar-se com o passado. Supervisar a história com um marcapasso. Mas não sabia que isso aconteceria tão cedo e que eu seria escolhido um dos *correspondentes* do passado. Talvez essa seja a parte mais surpreendente desta história. Estou orgulhoso.

Também confesso que me aliviou um tanto saber que a psicanálise continua viva no Século XXII, coisa que muitos de nos duidávamos. Houve uma crise na psicanálise a partir do maio francês de 1968, tempo em que Marx morreu e Freud, mal ferido, foi salvo por Lacan, numa ruela do Quartier Latin. Mais quero saber mais. Está bem viva mesmo? Mais viva que a Astrologia? É bom saber que ela ainda é uma psicotecnologia de ponta. Desejaria perguntar-te sobre mil pequenas coisas de nosso ofício: número de sessões, duração das mesmas, honorários, ainda existe o divã? Existe a IPA? A depressão ainda é a doença dominante? A psicanálise teve uma nova Melanie Klein, um novo Lacan? Alguns analistas continuam trepando com suas pacientes? Proliferam os cismas? Como se foi desenvolvendo o que Derrida denominou o "Pathos eletrônico"? Usa-se a análise via Internet? Ainda existem os cognitivos?

Marx morreu, mas ressuscitou no século XXI. O marxismo-leninismo, plus Stalin e apesar de Althusser foi definitivamente sepultado com os últimos fundamentalismos. Os velhos marxistas irritam por haver dogmatizado o

pensamento vivo de Marx. Eles ainda falam do "renegado Kautsky". Hoje em dia ha um retorno a Kautsky, figura central no desenvolvimento da social-democracia. Karl Kautsky nasceu dois anos antes de Freud e morreu um ano antes e foi o mentor de Trotsky. Kautsky entende melhor a fase imperialista do capitalismo, muito mal compreendida pelos marxistas ortodoxos. Diz-me, Oscar, Marx y Nietzsche ainda estão presentes?

Mas estou curioso além da psicanálise. Ainda se fala português? Ainda existem os colégios, as prisões, as fábricas? Vais ao cinema? Teatro com atores no palco? Circo com palhaços? Televisão tátil e perfumada? Como vocês fazem sexo? Quem ganhou a última Copa do Mundo? Não acredito que pode ser o Brasil. Quando se superou o HIV? Ainda existe o câncer? Continuam usando giletes? Qual é a expectativa de vida no século XXII? As velhinhas vivem mais do que os velhinhos?

O termo **qualidade de vida** tem-se expandido quase como um vírus, nos últimos 15 anos. Palavra nova. N.Rescher rastreou suas origens para descobrir que nasceu em 1964, na boca do presidente Lyndon B. Johnson, proferido num discurso em Madison Square Garden, quando disse:

"Nossas metas vão mais alem das contas bancárias. Só podem ser medidas pela qualidade de vida de nosso povo".

A idéia de felicidade, segundo André Burgière nasce em 3 de março de 1794 quando Saint-Just, o Anjo da Morte, a considera uma idéia nova na Europa. A felicidade é um invento tardio. A fome e as pragas minguaram. Ou seja, a qualidade de vida começou a melhorar na Europa em começos do século XVIII. O século se ilumina com os enciclopedistas na França e com a grande figura do

utilitarismo, Jeremy Bentham. O bom e o útil para o maior número de pessoas. Ele predica um sofisticado hedonismo social, criando os parâmetros da qualidade de vida. Nasce o burguês.

A felicidade é uma novidade com uma exceção: Aristóteles pensava nessa direção faz 2.200 anos, quando se preocupava como **eudaimonia**. Essa categoria considera a felicidade, não como estado senão como uma atividade. Para mim a eutonia é sinônimo da **eudaimonia** aristotélica. Mas não posso deixar de mencionar, pensando a história da humanidade, que perdemos 2200 anos de felicidade. É bem possível que a Grécia do quarto século antes de Cristo, ajudada pelas correntes asiáticas, chegara a antecipar a noção do bem comum, da felicidade; para os não escravos. Mas depois vem a massificação totalitária de Alexandre o Magno, do Império Romano, dos bárbaros, da Idade Média, da Inquisição. A coisa ainda estava muito ruim em 1600 quando queimam Giordano Bruno, não por seu homossexualismo, se não por seu desvio heliocêntrico. Logo vem a recuperação com Spinoza, Montaigne, Descartes, talvez Voltaire, até chegar a Saint-Just que, Oh, surpresa!, Descobre a felicidade.

E aqui vem uma asseveração que pode custar-me alguns amigos: creio piamente que o século XX, estatística, política, social, econômica e epidemiologicamente falando, foi bem superior em qualidade de vida a todos os séculos anteriores, e em todas as camadas sociais do Ocidente, com a possível mas improvável exceção desse século IV antes de Cristo. Feminismo, Sindicatos, Saúde Pública, Educação Pública, Black e Gay Power, rádio, TV, psicanálise e a pílula. Conseguimos que um quarto da humanidade leve uma vida acima da linha de flotação subhumana. Antes de 1773, 85 % vivia abaixo dessa linha, boqueando a fome. *Facts are facts.*

Não é questão de jactar-se, porque o século passado, sejamos sinceros, foi um século de merda.

Voltando à psicanálise. As coisas mudaram com o correr dos anos? Podemos nos perguntar, por exemplo, se a sexualidade infantil é tão relevante hoje em nosso trabalho como a era para Freud? Nesse sentido, damos a mesma importância ao tratamento das resistências e intervimos ainda sob a forma denominada de interpretação, ou a palavra enuncia-se hoje em dia de uma forma diferente? De uma forma mais direta, talvez. Menos oracular. Pergunto-me também se o acento posto na castração não levou nossa prática a muitos desastres. Isso nos leva a perguntar se este não se constituiu numa enorme armadilha teórico-prática e num enorme freio para o pensamento criativo. Este conceito foi utilizado de forma mais educativa que analítica.

Na verdade, o complexo de Édipo já não assusta a ninguém. Hoje em dia, só o mafioso Robert de Niro se horroriza quando o analista Billy Crystal lhe interpreta o desejo incestuoso por sua mãe. Jacques Lacan disse "Numa palavra, todo o esquema do Édipo deve ser criticado". Eu acho que a crítica mais séria foi feita nos anos 70 por Deleuze e Guattari e posteriormente por Foucault, levantando o problema do poder. Em suma: desde o momento em que toda a cultura se edipianizou, *o Édipo é a organização fantasmática do desejo nas sociedades do pai*, por isso "se desenvolve como um drama quase burguês entre o pai, a mãe e o filho", ou seja, o Édipo é a forma étnica e não universal em que a família se organiza na sociedade burguesa.

Por outra parte, ou fato, como tu me contas, de que os pais de teu século modelam o perfil genético dos filhos me leva a pensar que a velha filogenia acabou e que não existe mais o acaso do id. Existe ainda um inconsciente autônomo?

Mudando de assunto: Estarias de acordo, Oscar, com a seguinte reflexão: a psicanálise está presente toda vez que um analista é capaz de sustentar uma transferência?

Sabes, Oscar, o que é um Frankenfish?

Parece ser que os Frankenfish são Frankensalmões. A última palavra na genética do aquário. Uma nova cepa mutante de salmão que cresce seis vezes mais rápido que nosso delicioso salmão do sushi e que pesa pelo menos 15 vezes mais. Um Frankenstein. Com o supersalmão o salmão custaria um décimo do salmão atual e si, depois do frankensalmão, apareceria um frankenvermelho e uma frankensardinha, os frutos do mar baixariam estupidamente.

Mas, sempre aparece um mas. Os ambientalistas, alarmados, dizem que o supersalmão encerra um grande perigo ecológico e que soltos pelos mares pode desestabilizar a fauna marinha. Agora sabemos que cada invento tem sua contrapartida. Antes não era assim. A coisa começou com o DDT em 1943. Quando o DDT entrou, na guerra do Pacífico, todo o mundo pensava que os insetos já eram, e ninguém pensou que se tratava de um frankeninsecticida com graves consequências tóxicas. Acontece que cada invento tem um duplo fio e, se se pensa bem, até a faca tem um duplo fio: serve para operar e para destripar.

Acredito que a gente agora está mais que curada de espanto. O século XIX viveu deslumbrado com os frutos da ciência. A poluição prática e politicamente não existia. A palavra ecologia foi cunhada em 1952.

Então, podemos generalizar, todo avanço tem um risco. Tomemos o caso da psicanálise. Freud em seu artigo **Análise terminável e interminável** disse que a psicanálise criou condições inéditas no homem. Ela criou um perigoso

Homem Novo. Estou convicto de que nos 8 anos em que fui analisado, mais os 55 em que analiso, mudaram as fibras mais íntimas de meu ser. Sou um outro, sou diferente. Não será que sou um Frankenstein? Trata-se do tema do Homem Novo ou, se quer, do Super-homem. Fantasma frankenestênico do século XIX. Philip Rieff, analista e filósofo americano assinalou que a psicanálise é a técnica mais sofisticada para a produção de transformações psíquicas, mas que é um instrumento essencialmente egoísta. Acredito que Freud inventou uma nova forma de pensar, decorrente do uso sistemático da associação livre. Freud criou o Homem Metonímico.

Essa transformação acontece ao nível grupal, ao nível das instituições. Não existe, ao nível institucional, uma população mais cismática que a nossa. Na realidade, houve duas fases na história do movimento analítico. A primeira foi herética; a segunda, cismática. A primeira fase, com Jung, Adler e Stekel na cabeça, começa a partir de 1910. A chamo herética porque seus protagonistas acreditavam que existiam sérias dissidências teóricas. As divisões foram inevitáveis a partir dessas diferenças e concordo com Rieff em que a ortodoxia é a heresia dominante. Agora, a partir do que Lyotard denomina o "acontecimento Lacan", as escolas proliferam como cogumelos, seguindo uma lógica reumática e uma aceleração exponencial, condizente com os tempos. Estes cismas são muito sutis e interessantes, mas algumas cepas frankenmillerianas são altamente venenosas.

Seria de interesse fazer um levantamento dos grupos analíticos em existência hoje em dia. E aqui entra um fio extra em nossa faca: o uso da transferência, da frankentransferência. Somos um perigo ecológico.

A culpa, a tem Mary Shelley.

Como tu sabes, acabamos de enterrar o velho milênio, meu milênio, meu século que foi o Século de Freud. Ele nos aproxima, imagina que eu sou de 1923, tinha 26 anos quando Freud morreu. Poderia ter tomado um *schnapps* com ele em Maresfield Gardens. Freud foi a Cruz do Sul de nosso século. A grande aventura da alma. Mais quando comecei, aos vinte anos, ser analista era uma profissão bizarra, quase como cabeleireiro de cachorros.

Lembro de uma anedota. Quando comecei à assistir seminários, em 1947, a APA tinha um local pequeno com uma sala onde cabiam umas 15 pessoas. Eram os tempos de Peron e os seminários só podiam ser dados se um policial, de pé, estivesse presente. Então, nosso divertimento era escandalizar ao homem da lei. Com tal fim, por exemplo, líamos em voz alta o trabalho de Garma que dizia que a Virgem era uma puta, que a luz no presépio era o farol do bordel e que os Reis Magos eram os clientes. O policial abria os olhos bem grandes.

.

Há tantas perguntas que queria te fazer! Por exemplo, existem analistas junguianos em teu tempo? Confessar-te-ei que devemos muito a Jung no que diz respeito à análise dos sonhos. É incrível como a história esquece os seus filhos que uma vez foram celebridade. Janet era o maior psicoterapeuta do mundo em 1900. Acontece que, como num passe de mágica, Janet foi apagado do mapa. Esse esquecimento, amargo, cruel e ingrato, me intriga. Que se passou? Considero que Janet foi eclipsado pela gigantesca sombra de Freud. Os grandes homens, como as árvores frondosas, são assassinos por sua própria natureza, nenhum rival cresce sob sua sombra.. Outro exemplo, Adler com sua rede de clínicas em Viena, nos anos 20, era quase tão conhecido como Freud. Hoje em dia, que eu saiba, só existem dois adlerianos

em Tel Aviv. A propósito, os judeus seguem guerreando com os palestinos? Islam vem castrar a cidade de Nova York, marcando o início da decadência do Império Americano. Por outra parte, curti quando você me disse que Bush era bicha.

Sim, a história é uma velha puta que esquece seus amantes. Por isso me surpreendeu e me encantou ser recordado depois de morto. Pensar que um exemplar de meu Freud está na Universidade de Salamanca! Pensar que em meu tempo, pouca gente sabia o que era a terapia de uma sessão, conhecida como "sauna" e que agora é bem conhecida. Mudando de assunto, tenho que confessar, Oscar, que estive tentado a perguntar-te sobre a data de minha morte. Mas que não te ocorra passar-me a data necrológica. ¡Cruzes!

Também me dou conta de porque estou escrevendo mal. Pareço um colegial reeditando uma composição sobre **Os Homenzinhos Verdes de Marte**. É como se o assunto fosse maior do que eu. As perguntas me atropelam. És o responsável. Tu te transformastes, usando o jargão analítico, numa espécie de Grande Outro telecinético. Sinto-me analisado por ti. Temo que se reflita em mim a neurose de meu tempo e que me vejas como um antepassado bárbaro responsável por mil prováveis desastres ecológicos que minha geração causou, porque constato que em tua carta falas muito pouco sobre a "qualidade de vida" de teu tempo. Vocês ainda tem atmosfera? Vocês estão melhor ou pior do que nós? E não posso ganhar, porque sentiria inveja se estão melhor e culpa se estão pior. Constato que carrego um macro conflito geracional. Estou competindo com meu tartataraneto.

Não, o assunto é mais metafísico, mais hermenêutico. Acredito que minha geração morrerá na praia. O tema foi tratado por vários futurólogos. Arthur Clarck vaticinou que o homem vai ser imortal antes do ano 2500. Clarck



provavelmente exagera, mais tenho certeza de que o homem logo vai ser imortal. Morreremos então no umbral do novo Éden mundial. Mil anos não é nada em tempo cósmico. Mas tenho que saber uma coisa, Oscar, vocês já são quase imortais? Te confesso que morro de inveja. Sois Deus, meu chapa?